



A internacionalização da seleção brasileira (1930-2022)

The internationalization of the Brazilian national team (1930-2022)

Mateus de Almeida Prado Sampaio ✉ 

Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, Brasil

E-mail para correspondência: sampamateus@gmail.com

Recebido (Received): 26/09/2022

Aceito (Accepted): 31/12/2022

Resumo: O artigo analisa, de modo retrospectivo, o processo de ampliação e diversificação no número de times profissionais de futebol que enviaram atletas para compor a seleção brasileira em cada uma das Copas do Mundo ocorridas. O período pesquisado inicia-se em 1930 e finda em 2022. O objetivo inicial é traçar um panorama cartográfico dos dados levantados, relacionados aos atletas convocados em cada edição da disputa, para que este material subsidie a análise geográfica do fenômeno abordado, qual seja, a série de “modernizações” e “internacionalizações” pelas quais o futebol passou (sobretudo o futebol brasileiro). A composição dos elencos analisados permitiu caracterizar o processo de ampliação geográfica do raio de alcance da lista de jogadores convocados para representar o Brasil nas Copas do Mundo, permitindo formular novas hipóteses e tecer considerações sobre o processo histórico de desenvolvimento desse esporte. Como resultado, foram identificados cinco subperíodos sucessivos, representados no texto pelos seguintes subitens: 3.1 – Definição das regras do jogo (1863-1904); 3.2 – Amadurecimento do futebol no Brasil (1894-1950); 3.3 - Futebol brasileiro torna-se hegemônico (1954-1978); 3.4 – Mundialização da FIFA e do futebol brasileiro (1982-1998); 3.5 – Rumo à internacionalização absoluta da seleção brasileira? (2002-2022). Aborda-se, em plano complementar, como as tecnologias de transmissão, interconectividade e globalização impactam esse processo como um todo.

Palavras-chave: Copa do Mundo; Brasil; 1930-2022; Times de futebol.

Abstract: *the article analyzes, retrospectively, the process of expansion and diversification in the number of professional football teams that sent athletes to compose the Brazilian team in each of the World Cups that occurred. The period studied begins in 1930 and ends in 2022. The initial objective is to draw a cartographic panorama of the data collected, related to the athletes summoned in each edition of the dispute, so that this material subsidizes the geographical analysis of the phenomenon of "modernizations" and "internationalizations" that football has been through (especially Brazilian football). The composition of the casts analyzed allowed to characterize the process of geographical expansion of the range of the list of players called to represent Brazil in the World Cups, poses hypotheses and make considerations about the historical process of development of this sport. As a result, five successive subperiods were identified, represented in the text by the following subitems: 3.1 - The definition of the rules of the game (1863-1904); 3.2 - The maturation of football in Brazil (1894-1950); 3.3 - Brazilian football becomes hegemonic (1954-1978); 3.4 - The globalization of FIFA and of the Brazilian football (1982-1998); 3.5 - Towards the absolute internationalization of the Brazilian team? (2002-2022). It deals, in a complementary plan, with how transmission technologies, interconnectivity and globalization impact this process as a whole.*

Keywords: *World Cup; Brazil; 1930-2022; Soccer teams.*

1. Introdução

O futebol, como qualquer outro esporte, está em constante transformação parcial. Esse processo tem uma origem histórica que pode remontar a muitos séculos, a depender do critério utilizado para a sua análise e interpretação. Pode-se considerar, por exemplo, o “*cuju*” – jogo chinês da Dinastia Han (de 206 AEC a 221 EC) cuja tradução literal é “chutar-bola” (GOLDBLATT, 2007, p. 26) – como marco inicial relativo aos esportes coletivos jogados com bola tendo proeminência o uso dos pés. Teríamos, nesse caso, origens

possíveis para o futebol moderno que remontarim há aproximadamente dois milênios. Outro possível aspecto demarcatório para os primórdios do futebol, ainda em acordo com Goldblatt (2007, p. 34), seria a criação na Roma Antiga de quadras cobertas para práticas de jogos com bola chamadas “*Sphaerista*” e de campos abertos chamados “*Palaestra*”. Nesses locais a prática do “*Harpastum*” e do “*Expulsum Ludere*” estavam diretamente ligadas aos treinamentos táticos e físicos de caráter militar. Séculos mais tarde, já na Baixa Idade Média, há referências ao jogo de “*Hurlings*” em áreas de cultura celta da Irlanda e ao jogo do “*Calcio*” na região que hoje corresponde ao norte da Itália. Em território anglo-saxão, por exemplo, o rei Edward II proclamou em 1314 uma lei pela qual condenava os tumultos causados pela disputa de “*great footballs in the Fields [...] from which many evils may arise*” (GOLDBLATT, 2007, p. 38).

Neste artigo, entretanto, o enfoque recairá sobre o período mais recente desse esporte de “dimensão imprevisível emocionante” (Sevcenko, 1994, p. 36), tomando-se por base apenas os últimos dois séculos. Mais especificamente, o recorte temporal tomará por base a ocorrência de Copas do Mundo, iniciando-se, portanto, em 1930 e finalizando-se em 2022. Apenas de modo preambular recuar-se-á ao ano de 1863. O objetivo desse texto é apontar como, em período recente, o futebol tornou-se um símbolo máximo do fenômeno da globalização atingindo, concomitantemente e instantaneamente, bilhões de pessoas do mundo todo em seus momentos de ápice: a final das Copas do Mundo.

2. Base teórica, materiais e métodos

Este artigo aborda os processos de profissionalização, mercantilização e internacionalização do esporte futebol em geral e do futebol brasileiro em específico. Para tanto, tem por base metodológica a revisão bibliográfica e a interlocução com autores que anteriormente já abordaram essa temática. Enquanto método complementar, o artigo se pauta também na elaboração de uma cartografia analítica (**Figuras 1 a 22**) que toma como ponto de partida a lista de atletas convocados para representarem o Brasil em cada uma das edições da Copa do Mundo (1930-2022) e os respectivos times que defendiam na ocasião em que ocorreram tais torneios. Esses procedimentos de pesquisa subsidiaram as conclusões atingidas, assim como as considerações finais elencadas na seção final desse artigo.

3. Resultados e discussões: diversas fases de institucionalização e modernização do futebol (1863-2022)

Este terceiro item de resultados subdivide-se em 5 subitens, que se referem à uma proposição autoral acerca das diferentes etapas de modernização e internacionalização do futebol enquanto esporte, recaindo o foco central sobre o seu desenvolvimento no Brasil.

3.1. Definição das regras do jogo (1863-1904)

O desenvolvimento do futebol nos últimos dois séculos, enquanto jogo e esporte, pode ser visto genericamente como um conjunto de sucessivas de “modernizações” e “internacionalizações” ao longo do tempo. Nesse sentido, a ideia de “Futebol Moderno” poderia ser entendida como mais ou menos recorrente nas análises que se debruçam sobre sua história, mesmo naquelas cujo recorte temporal alcance períodos mais longínquos. Dentro de nossa proposta de periodização, houve uma fase preliminar de modernização ocorrida na segunda metade do século XIX, quando se estabeleceu o primeiro conjunto de regras básicas coletivamente aceitas dentro do território inglês, visando regulamentar a prática desse jogo.

Como se sabe, em 24 de novembro de 1863 deu-se, numa taverna da Inglaterra, a uniformização das primeiras 14 regras do *football*, aquelas que deram início à normatização e uniformização dos diferentes costumes de caráter local até então coexistentes para se praticar esse jogo. De acordo com Hilário Franco Jr. (2007, p. 25), o surgimento do futebol moderno deu-se num quadro histórico marcado pela Revolução Industrial, no qual economia e prática esportiva pautavam-se em elementos comuns: “competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados, fixação de regras”. Ao padronizar regras, criava-se uma rivalidade “justa” que articulava espaços, equipes e informações cada vez mais conectados por vias férreas e telegráficas, criando disputas acirradas e passionais.

Paulatinamente outras regras foram sendo acrescentadas ao jogo. Em 1866 ficou terminantemente proibido que qualquer outro jogador, que não o goleiro, colocasse intencionalmente a mão na bola. Em 1882 delimitou-se a altura máxima pela qual a bola valeria ponto ao passar por entre as traves, inserindo-se um travessão sobre o “*goal*”. No mesmo ano foram delimitadas a pequena área e a grande, para indicarem, respectivamente, de onde seria cobrado o tiro-de-meta e até qual local dentro do campo o goleiro poderia

pegar a bola com a mão. Em 1887 foi criado, como penalidade máxima para as investidas mais violentas, a cobrança do “*penalty*”. Em 1891 o juiz, figura então já existente, mas subordinada aos capitães das equipes rivais, passou a ser oficialmente a autoridade máxima dentro do campo. Apenas a título de exemplo ilustrativo do que era futebol nesses primeiros tempos, citemos o caso do Corinthians, time amador da Inglaterra fundado em 1882, que excursionou ao Brasil em 1910 e que era muito atuante na virada do século XIX para o XX. Adepto das ideias de amadorismo, da prática de um “*sport*” entre “*gentlemen*”, assim como de “*fair play*”, cultivava a prática de tirar o seu goleiro quando um tiro de pênalti ia ser cobrado por seus adversários, para desse modo serem devidamente penalizados pela grave falta que haviam cometido (KOLLER; BRÄNDLE, 2015, p. 74).

Sobre esse momento, Hobsbawm (1987, p. 262) diria ser o futebol a “religião leiga da classe operária”, um esporte proletário em seu país de origem. Sevckenko (1994, p. 35) destaca “a expansão da sua popularidade dentre as massas populares, especialmente no contexto das cidades industriais”. O futebol era, nesse sentido, o espelho de uma sociedade que se modernizava. O Império Britânico, seu epicentro formador, era então a maior potência colonial existente, tratando de difundir o novo esporte pelos quatro cantos do mundo. Não tardou para que o jogo recém regulamentado se tornasse apreciado e praticado fora da Inglaterra. No final do século XIX já existia uma série de equipes, agremiações, campeonatos, ligas e associações futebolísticas espalhadas fora de seu país de origem. No ano de 1904 foi organizada uma entidade maior para lidar com o crescimento, popularização e internacionalização desse esporte: de cunho supranacional, fundou-se a Federação Internacional de Futebol (FIFA).

3.2. Amadurecimento do futebol no Brasil (1894-1950)

Quanto ao caso específico do Brasil, o “*football*” sempre foi, desde o primeiro momento de sua introdução no ano de 1894, de certo modo moderno, cosmopolita e internacional. Foi implementado no país por estrangeiros, descendentes de estrangeiros ou jovens membros da elite paulista ou carioca que foram realizar parte de seus estudos na Europa e de lá trouxeram bolas e regulamentos para sua terra natal. Foram os casos de Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro. No Brasil da transição do século XIX para o XX o futebol era um esporte exclusivamente elitista, jogado por poucos jovens brancos das classes sociais mais altas, e as bolas eram ainda raridades – situação inversa à da Inglaterra, onde o jogo encontrava-se popularizado entre o crescente proletariado urbano (GUTERMAN, 2009). O futebol no Brasil era originalmente praticado somente por “*sportsmen* nos clubes *chics*, com *status* de importação inglesa, assumido como prerrogativa de classe e separado da plebe por uma espécie de cordão sanitário” (WISNIK, 2008, p. 174). As ligas paulista e carioca eram organizações de origem aristocrata e a prática do futebol era uma espécie de traço de distinção social. Desenvolviavam as atividades esportivas em clubes privados do Rio de Janeiro (Rio Cricket, Paysandu Cricket, Fluminense, Botafogo, América, Bangu) e de São Paulo (São Paulo Athletic, Paulistano, Germânia, Palmeiras, Ipiranga).

Com o processo gradual de democratização do acesso ao jogo, jogadores negros, pardos e mestiços tiveram que romper a barreira do preconceito e do racismo para serem aceitos nos clubes, a despeito do grande talento que demonstravam. Foi o que aconteceu com teuto-afrodescendente Arthur Friederich nos anos 1910 e 1920. Um dos primeiros aspectos indicadores da modernização do futebol no Brasil foi a aceitação de jogadores pobres e o lento processo de profissionalização do esporte, concluída em meio às políticas trabalhistas implementadas por Getúlio Vargas. Tornando-se gradualmente mais acessível a uma parcela crescente da população, logo surgiu uma celeuma em torno dessa questão. Jogadores de origem mais humilde passaram a ser cobijados para atuarem nos times, o que desagradava algumas das agremiações amadoras que organizavam os primeiros torneios. Estas faziam oposição à profissionalização do esporte e, conseqüentemente também dos clubes e dos jogadores, pois temiam a popularização exacerbada desse esporte.

Nesse contexto o Club de Regatas Vasco da Gama foi pioneiro por montar uma equipe repleta de jogadores negros, mulatos e brancos pobres, que recebiam dinheiro (não exatamente salário) para jogarem futebol. A ideia de pagar uma pessoa para ela jogar futebol era até então muito pouco difundida e amplamente refutada no Brasil. A equipe estreou na liga de elite do futebol carioca em 1923, já obtendo o título de campeão. Foi inovador também por investir, a partir de 1925, na construção do estádio de São Januário, que foi o maior das Américas até 1930 e o maior do Brasil até 1940. Quanto ao zagueiro Domingos da Guia, craque dessa época, fugindo da falta de definição sobre a profissionalização ou não do futebol brasileiro, este dizia ter conseguido um logro tão inédito quanto formidável: ser tricampeão nacional, por três países diferentes. Na realidade ele venceu o campeonato uruguaio em 1933 jogando pelo Nacional, o campeonato carioca em 1934 pelo Vasco e o campeonato argentino em 1935 pelo Boca Juniors (COELHO,

2009, p. 67). Pouco a pouco e tardiamente amadureceu a ideia de se regulamentar no Brasil um mercado de jogadores, com transferências entre os clubes, pagamento de salários previstos em contratos, contratação de grandes ídolos para agradar as torcidas.

Outro indício modernizante do futebol brasileiro vivenciado na primeira metade do século XX está ligado ao crescente viés comercial associado ao esporte. No Rio de Janeiro, então a Capital Federal e maior cidade do Brasil, a final do campeonato carioca de 1929 demonstrava o quanto o jogo havia se popularizado e o quanto podia se articular mercadologicamente com as crescentes massas urbanas. O evento teve patrocínio de uma marca de cigarros chamada “Veado”, que premiou o jogador vascaíno Russinho “com um automóvel, por ser considerado o melhor jogador do país” (COELHO, 2009, p. 55). Naquela época um carro era um dos símbolos máximos da modernidade, e não havia contradição entre esporte e tabagismo. Leonidas da Silva, que fora destaque na Copa do Mundo de 1934 e artilheiro na de 1938, pode ser tomado como precursor do *marketing* no futebol brasileiro. Tornou-se garoto propaganda de uma marca de cigarros e outra de chocolates (GALEANO, 2014, p. 97). A fábrica de chocolates Lacta lançou no mercado o chocolate “Diamante Negro” em alusão à popular alcunha do jogador; enquanto a Sudan lançou um rótulo de grande sucesso na época chamado “Leonidas, o crack, campeão dos cigarros”.

A medida em que se intensificavam no país o êxodo rural, a urbanização, a industrialização e, posteriormente, também a difusão da imprensa e do rádio, “bandeiras, hinos, símbolos, mascotes e grupos uniformizados” passaram a compor parte da paisagem e dos acontecimentos populares (FRANCO JR., 2007, p. 78). Na mídia nacional despontava no Rio de Janeiro “Jornal dos Sports” dirigindo desde 1936 por Mário Filho, inaugurando no Brasil de um jornalismo esportivo ágil e popular.

No âmbito internacional, o francês Jules Rimet era o representante maior desse esporte, presidindo a FIFA. Notabilizou-se não apenas pela longa duração de seu mandato (1921-1954), como também por ter organizado a primeira Copa do Mundo, ocorrida no ano de 1930 no Uruguai. Esta foi transmitida via rádio para 12 países europeus, que tiveram a oportunidade de saber dos resultados em tempo real. Joannes Langenus, o árbitro, apitou elegantemente a final, usando paletó e gravata. Nas três Copas que antecederam a Segunda Guerra Mundial (1930, 1934 e 1938) o Brasil teve participação discreta. Na primeira edição (Copa de 1930) participaram apenas jogadores atuantes no Rio de Janeiro, em 8 times diferentes, que foram convocados para defender o país (**Figura 1**). Ante um desentendimento entre a federação carioca e a paulista, os paulistas boicotaram o campeonato e houve em São Paulo até quem comemorasse a derrota do time brasileiro por conta dessa rivalidade doméstica (SILVEIRA, 2014, p. 15). Na segunda edição da competição (Copa de 1934) foram enviados para compor a delegação nacional atletas de dois times cariocas, um paulista, um gaúcho e um uruguaio (**Figura 2**). Nova rixa interna, agora não mais entre cariocas e paulistas, mas entre amadores e profissionais, assim como uma longa e cansativa viagem de navio até a Itália contribuíram para o fracasso brasileiro.

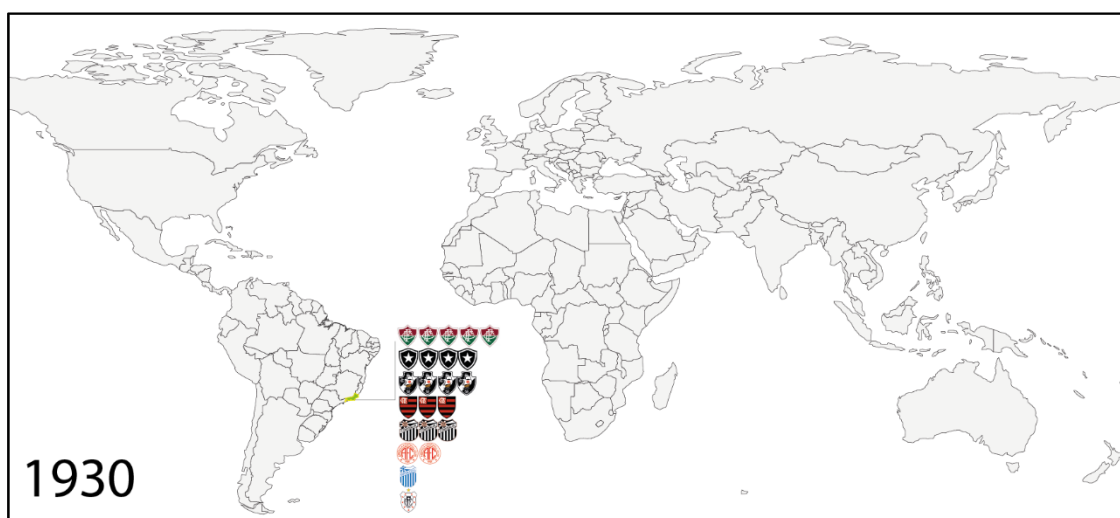


Figura 1: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1930.

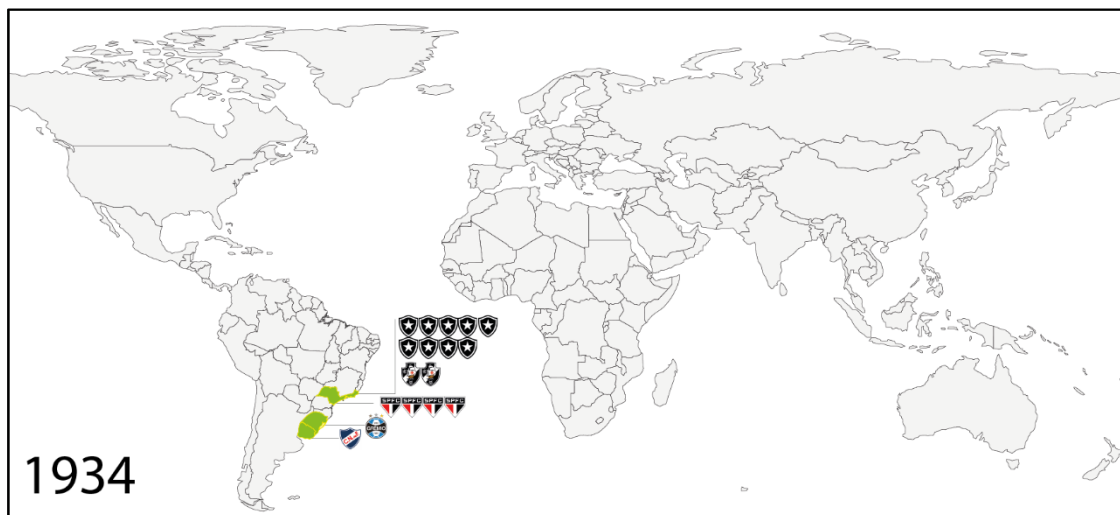


Figura 2: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1934.

Em sua terceira edição (Copa de 1938) o Brasil já havia definido as premissas da profissionalização do esporte, enviando para a França, país sede, uma seleção que Wisnik (2008, p. 161) considerou “assumidamente miscigenada, e pela primeira vez representativa do que havia de melhor no futebol já profissionalizado do país” (**Figura 3**). Também pela primeira vez as partidas de uma Copa do Mundo foram transmitidas para o Brasil de modo ao vivo pelo rádio, chegando aos ouvintes pela voz com o acento italiano do *speaker* Gagliano Netto, da Rádio Clube do Brasil. Este, ao narrar o gol da vitória da Itália sobre o Brasil, levantou suspeitas de para qual lado estava torcendo.

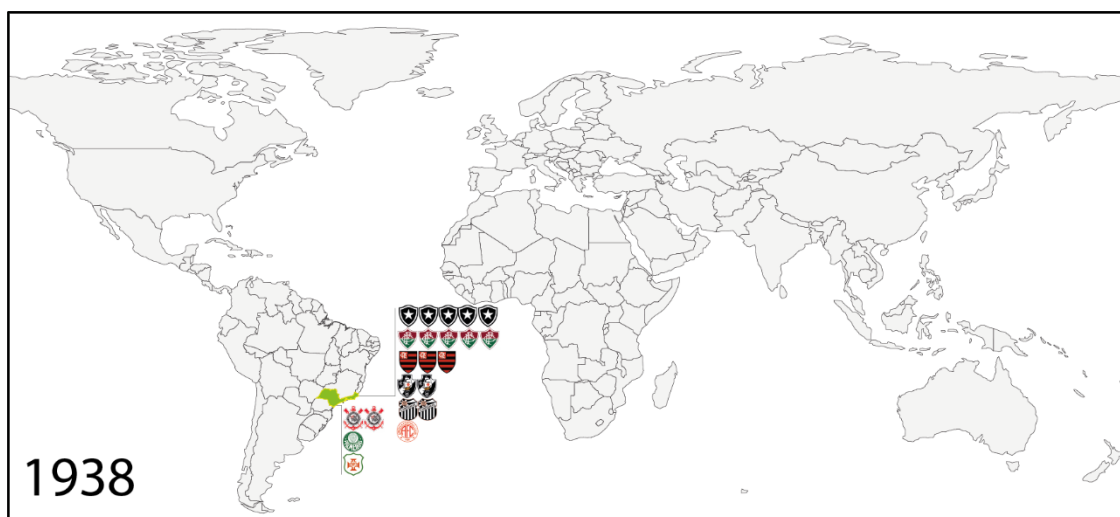


Figura 3: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938.

A 2ª Guerra Mundial interrompeu a sequência de Copas do Mundo, retomada apenas em 1950. Ante uma Europa destruída, o palco escolhido para a disputa foi o Brasil, que naquele momento já contava com uma mídia esportiva bastante disseminada. Foi a primeira Copa em que o uniforme dos jogadores era numerado (FRANCO JR., 2007). Também foi a primeira para a qual a Inglaterra dignou-se a romper seu isolamento esplêndido e concordou em participar, sendo eliminada pelos Estados Unidos que a venceu com um gol marcado por um jogador nascido no Haiti (GALEANO, 2014, p. 112). História mais traumática que a inglesa, no entanto, foi a dos brasileiros, que na busca de seu primeiro título, ainda trajando uniforme de cor branca, vinha numa arrancada otimista. Faria a disputa final contra o Uruguai tendo a vantagem do empate, após uma sequência de duas vitórias imponentes: 6×1 contra a Espanha e 7×1 contra a Suécia. A torcida entoava músicas e gritava “olé”. A imprensa internacional vangloriava o espetáculo propiciado pela seleção brasileira. Conforme atesta Wisnik (2014, p. 213-214), o jornalista britânico Brian Glanville escreveu de modo coetâneo que “o Brasil jogava um futebol do futuro, algo quase surrealista, taticamente comum, mas tecnicamente soberbo”. Giordano Fattori, da *Gazetta dello Sport* de Milão, afirmou que durante os jogos do Brasil via-se “tudo o que se poderia imaginar teoricamente em futebol. Houve ciência, arte, balé, e até jogadas de circo”.

Com a base de sua equipe formada pelo Vasco da Gama, que disponibilizou 8 jogadores (**Figura 4**), no recém construído estádio do Maracanã, lotado com aproximadamente 200 mil torcedores, o Brasil perdeu de virada por 1x2 para o Uruguai, postergando o título ainda inédito. O choque deixou o país atônito, mesclando dor e amadurecimento, levando-o a adotar um novo uniforme nas próximas disputas: a camisa canarinho amarela.

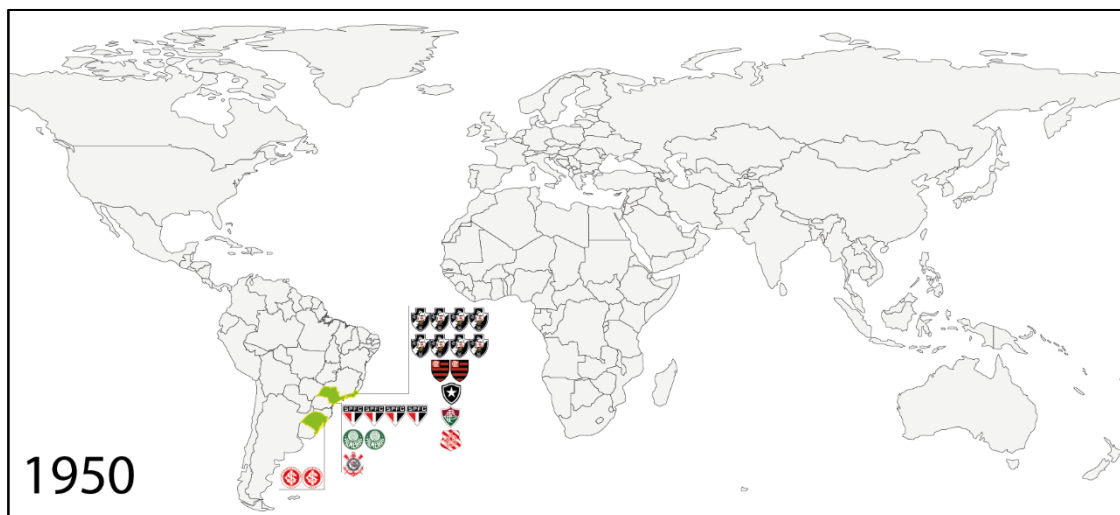


Figura 4: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950.

3.3. Futebol brasileiro torna-se hegemônico (1954-1978)

A Copa do Mundo de 1954 foi organizada como parte das comemorações dos 50 anos da FIFA. Inaugurou a transmissão televisiva dos jogos, mas essa foi restrita a poucos países europeus e ainda era desprovida de qualquer “valor de mercado” (FRANCO JR., 2007, p. 123). Restringia-se a área de atuação da Eurovisão, união europeia de radiodifusão, empresa então recém-fundada. A participação brasileira no campeonato foi pífia, não avançando além da segunda fase. Uma vez mais, assim como ocorrera em 1930 e em 1938, o selecionato brasileiro tinha apenas atletas provenientes de times dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo os “tricolores” paulista e fluminense basilares na formação da equipe (**Figura 5**).

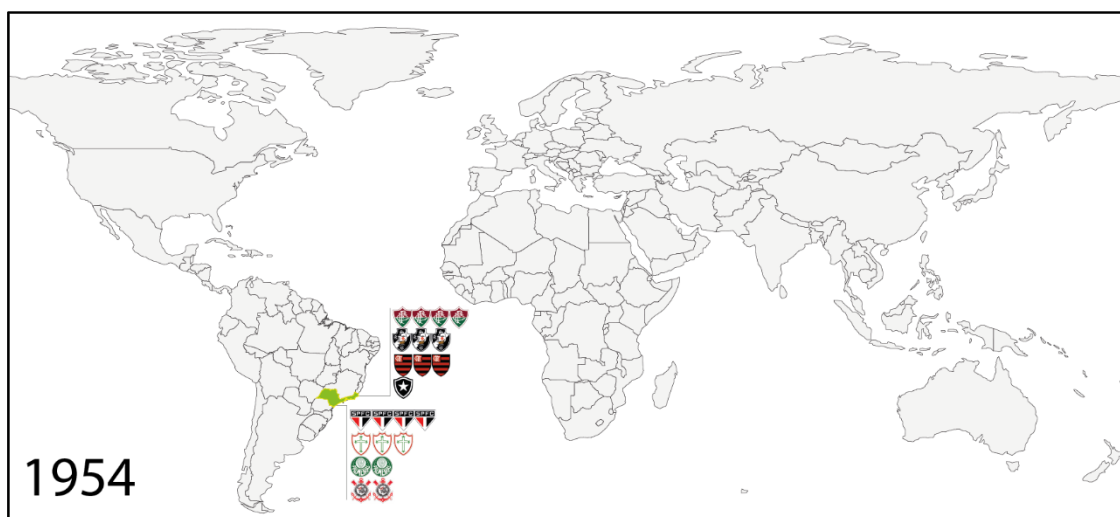


Figura 5: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1954.

Quanto ao time campeão em 1958 e ao bicampeão em 1962, nestes também havia somente jogadores atuantes no eixo Rio-São Paulo. Ambos tinham um jogador da Portuguesa (SP) e outro do Bangu (RJ), à época clubes competitivos. No primeiro título, o Flamengo forneceu a base do time, com 4 jogadores selecionados (**Figura 6**). Como a rival Suécia, dona da casa, jogava de amarelo, o primeiro título brasileiro veio usando o uniforme reserva, de cor azul. Já em relação ao segundo título foram as equipes do Santos (7) e Botafogo (5) que forneceram a base da seleção (**Figura 7**).

Em 1958 as transmissões ao vivo pelo rádio chegavam na casa dos brasileiros, ou nas praças públicas em que se aglomeravam as multidões de ouvintes. Vivia-se naquele momento o ocaso da chamada “Era de Ouro do Rádio”, que pouco tempo depois seria superado pela televisão. O *jingle* era “*A taça do mundo é nossa, Com brasileiro não há quem possa! Éta esquadra de ouro, É bom no samba, é bom no couro! O brasileiro lá no estrangeiro, Mostrou o futebol como é que é, Ganhou a taça do mundo, Sambando com a bola no pé, Gool!*”. Películas de vídeo, em formato de kinescopia gravadas pela Sveriges Radio foram exibidas nas raras televisões do Brasil, mas somente com alguns dias de atraso em relação às partidas. De acordo com Almeida Prado (1997, p. 204):

o rádio, na voz exaltada dos locutores, dava aos jogos da época uma vibração que eles jamais tiveram, antes ou depois, com tamanha intensidade. É como se estivéssemos à beira do campo, seguindo a bola de pé em pé, porém libertos das limitações que a realidade impõe à imaginação, e, sobretudo, sem o implacável testemunho da televisão. Não havia partida que não tivesse contornos épicos.

Na Copa de 1962 surgiu o “videoteipe”, fitas magnéticas com a gravação das partidas ocorridas no Chile e que chegavam à São Paulo e Rio de Janeiro no mesmo dia, vindas de avião. As imagens eram então replicadas, distribuídas e exibidas na televisão apenas algumas horas após finalizados os jogos, ou já no dia seguinte (SOUZA, 2018). Os torcedores primeiro ouviam o jogo, ao vivo e em tempo real, pelo rádio, e somente posteriormente podiam visualizar os mesmos lances pela TV.

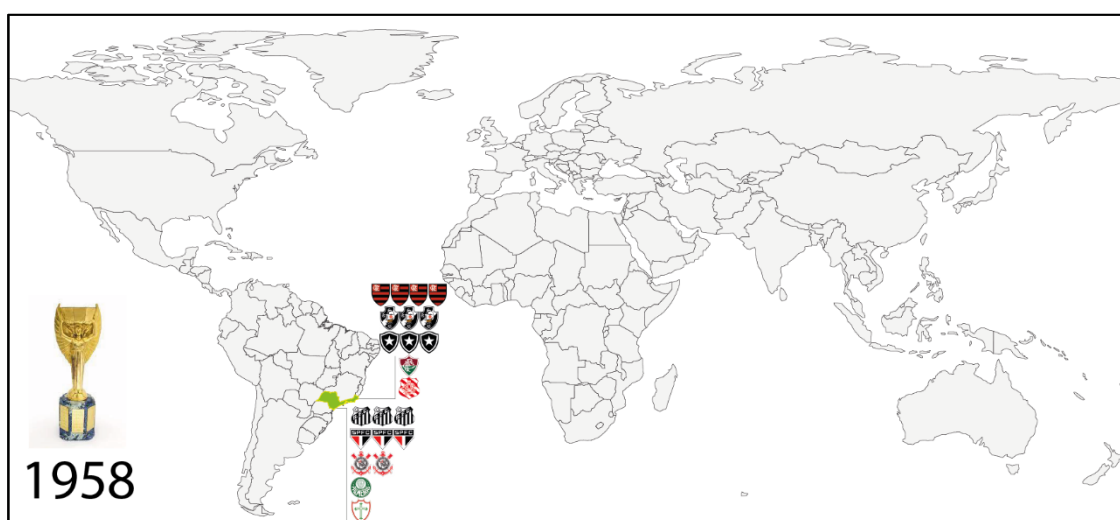


Figura 6: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1958.

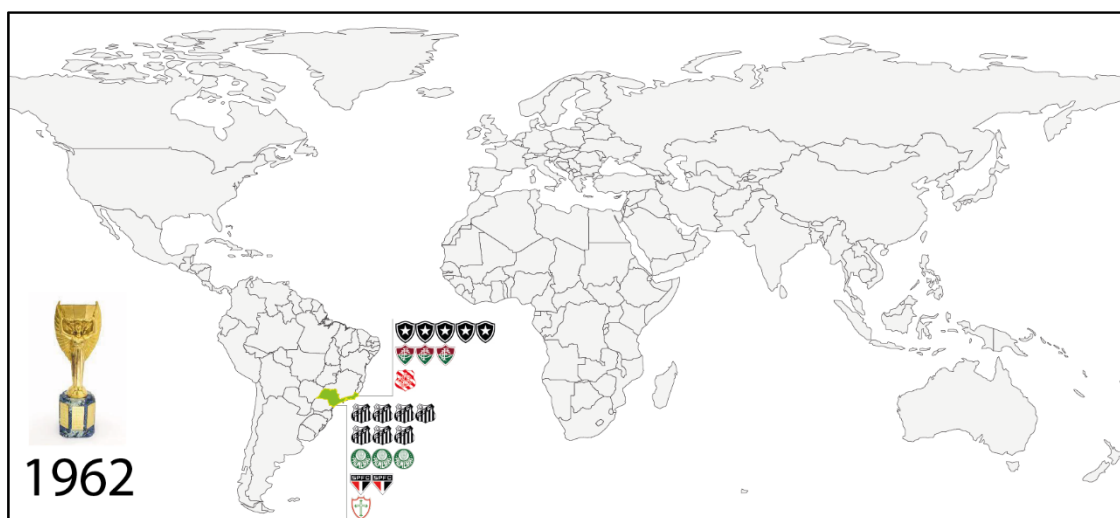


Figura 7: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1962.

O período pós 2ª Guerra Mundial marcou o início do fim do colonialismo europeu na África e na Ásia, o que levou ao surgimento de diversos novos países no mundo. Alguns anos depois dos movimentos de independência obterem sucesso, diversos dos novos países surgidos criaram suas próprias federações nacionais de futebol, solicitando adesão junto à FIFA. Tal movimento ampliou o quadro de nações filiadas à entidade, demandando um novo equilíbrio de forças na instituição.

Depois da longa gestão de Jules Rimet à frente da FIFA, duas outras se sucederam, ambas mais ou menos curtas: a do belga Rodolphe Seeldrayers (1954-1955) e a do britânico Arthur Drewry (1955-1961). Depois desses dirigentes foi a vez do também britânico Stanley Rous (1961-1974) assumir. Sua gestão caracterizou-se pelo viés tecnocrata (GOLDBLATT, 2007, p. 435). Destacou-se pela criação de um programa de valorização de treinadores e juizes. No plano disciplinar, em 1968 foi introduzida uma importante inovação: o uso de cartões vermelho e amarelo para punir os faltosos mais violentos, poupando muitos craques das até então recorrentes pancadas e práticas de antijogo abusivas dentro do campo. Deu-se ainda sob a administração de Rous o advento de algumas importantes tecnologias novas para a transmissão dos jogos: as partidas passaram a ser televisionados ao vivo via satélite INTELSAT I Early Bird para diversos países (Copa de 1966). Este foi considerado o primeiro satélite voltado para comunicações comerciais. Os direitos de transmissão exclusiva foram comprados com antecedência pela EBU (*European Broadcasting Union*), que pagou 800 mil libras (US\$ 2,2 mi). A BBC (*British Broadcasting Corporation*) foi a responsável técnica pelas operações.

Com relação à seleção brasileira, a partir de 1966 houve uma certa expansão territorial das unidades da federação fornecedoras de atletas para compor o esquadrão nacional, o que perdurou durante as disputas de 1970, 1974 e 1978 (**Figuras 8, 9, 10 e 11**). Para além do clássico eixo Rio-São Paulo, também equipes de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul forneceram jogadores durante essas quatro edições do torneio. Em 1970 novamente foi o Santos, com 5 convocados, que deu base àquela seleção que atestou a condição de hegemonia brasileira.

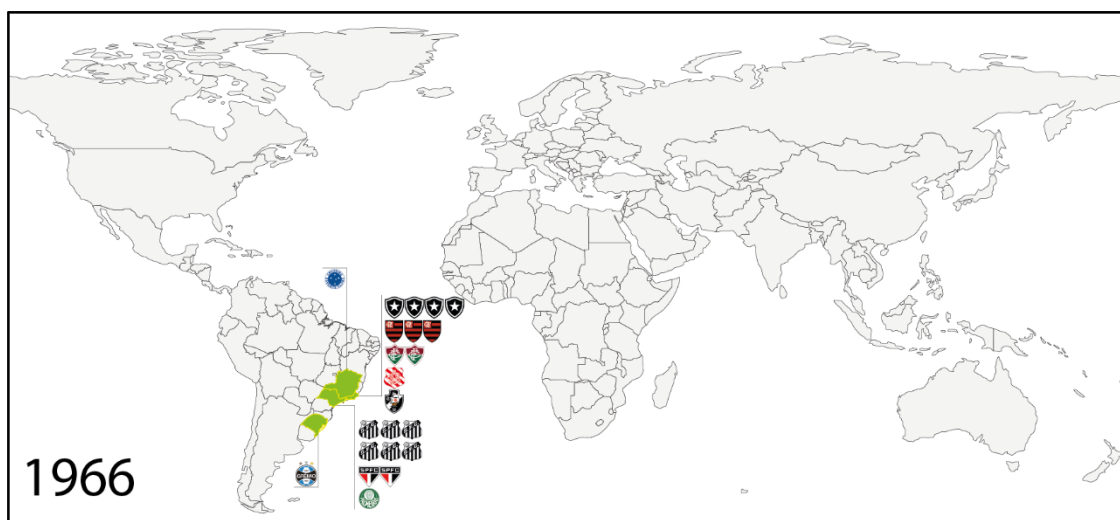


Figura 8: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1966.

Outros recursos tecnológicos surgiram para a transmissão das partidas, como o “*slow-motion replay*” e a transmissão televisiva em cores (ambos na Copa de 1970). No Brasil foi possível receber as imagens ao vivo em tempo real na Copa do tricampeonato graças à atuação da recém inaugurada a Embratel e aos seus receptores capazes de decodificarem as imagens coloridas enviadas do México. As partidas foram transmitidas por um *pool* de canais: Globo, Tupi, Bandeirantes e Record. O título mundial e o *hit* musical daquele ano foram bastante aproveitados pelo regime militar autoritário então estabelecido no país para se autopropagandear: “*Noventa milhões em ação, Pra frente, Brasil! Do meu coração [...] De repente é aquela corrente pra frente, Parece que todo o Brasil deu a mão, Todos ligados na mesma emoção, Tudo é um só coração!*”. Outros jogos eram exibidos pelas emissoras em compactos noturnos, geralmente às 23h.

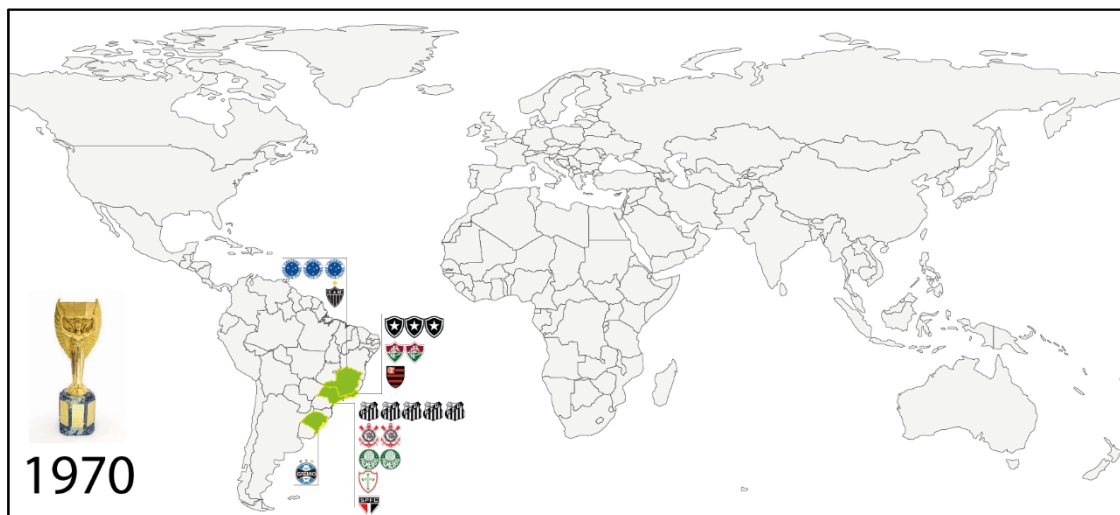


Figura 9: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970.

O progresso técnico e o sucesso televisivo foram tamanhos que na Copa de 1974 já haviam programas especificamente criados para cobrir os temas do futebol, tais como o “Terceiro tempo” e o “Futebol é com onze – Mesa Redonda” (SOUZA, 2018). Uma grande novidade foi a exibição, durante os jogos transmitidos ao vivo, dos melhores momentos e do *replay* dos gols no intervalo do primeiro para o segundo tempo.

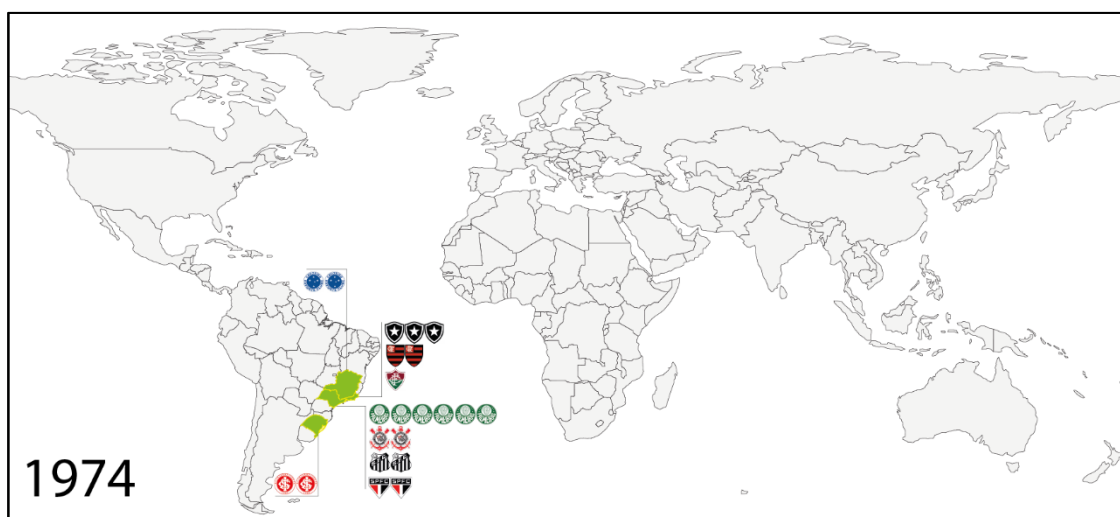


Figura 10: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1974.

Na Copa do Mundo de 1978 o futebol já se encontrava, no Brasil, em fase de conversão de festividade essencialmente transcorrida dentro dos estádios, para um espetáculo francamente remoto e midiático. Surge na televisão brasileira expressões tornadas muito populares, tais como as de Sílvio Luiz, destacadas por Souza (2018): “pelo amor dos meus filhinhos” (jogada errônea), “pelas barbas do profeta” (erro estapafúrdio), “olho no lance” (momento de perigo) e “no pau” (bola na trave). O apelo popular era grande e congregava-se a imagem propiciada pela televisão com a narração cativante herdada do rádio.

Durante as Copas do Mundo de 1954 até 1978 a FIFA conseguiu manter um modelo único de competição, envolvendo em cada edição 16 seleções divididas em 4 grupos de 4 países cada. Desse total de 16 países, os europeus sempre foram preponderantes, compondo de 9 a 12 delegações para cada uma das disputas quadrienais. Desse modo, entre 1954 e 1978 algo entre 56% e 75% dos competidores eram países europeus, parecendo certo exagero considerar tal competição um evento efetivamente global. A América do Sul, enviando de 2 a 5 participantes para cada uma dessas edições, ocupou uma posição coadjuvante, contribuindo com algo entre 12% a 31% das seleções envolvidas nas disputas. América do Norte, América Central e Caribe, África, Ásia e Oceania tiveram participações bastante pontuais e pouco expressivas, como verificados nos casos da Coreia do Norte (em 1966), El Salvador e Israel (1970) e Zaire, Haiti e Austrália (1974). Estes eram vistos como países exóticos, quase pitorescos.

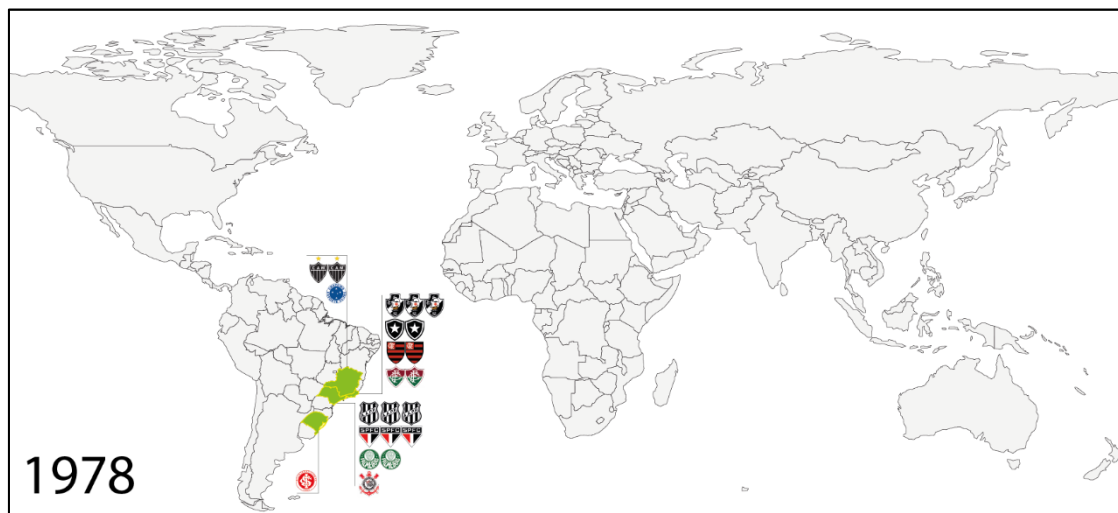


Figura 11: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1978.

3.4. A mundialização da FIFA e do futebol brasileiro (1982-1998)

No último quartel do século XX, a modernização do futebol mundial (incluindo o brasileiro) esteve intimamente ligada aos processos de redefinição das fronteiras internacionais e à crescente globalização econômica. Stanley Rous à frente da FIFA (1961-1974) identificava-se com o espírito do amadorismo olímpico, nutrindo certa antipatia ao comercialismo excessivo do esporte e evitando ações politizadas por parte da entidade. Como exemplo, foi complacente com federação de futebol da África do Sul, a despeito do sistema racista de Apartheid social vigente naquele país. Tal atitude que pesou bastante contra ele na escolha de quem seria o próximo presidente da FIFA na eleição ocorrida em 1974 (GOLDBLATT, 2007, p. 555). Rous foi preterido pela maior parte das delegações africanas.

Enquanto alternativa de mudança de rumos na direção da entidade máxima do futebol mundial, o carioca (descendente de belgas) Jean-Marie Havelange – mais conhecido como João Havelange – investiu pesado em sua candidatura ao cargo. De acordo com Goldblatt (2007, p. 552-553), durante sua campanha o brasileiro visitou 86 países expondo suas propostas para modernização, dinamização do futebol mundial. Seu discurso de renovação angariou o apoio sobretudo das nações periféricas da economia mundial: América Latina, África e Ásia. Objetivava superar o caráter essencialmente eurocêntrico da entidade, transformando-a numa organização internacional de crescente significado cultural.

Como presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) Havelange havia participado da comissão técnica que apoiou a seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1958, 1962, 1966 e 1970, sagrando-se campeão em três das quatro oportunidades. À frente da CBD havia acumulado experiência na “geografia política e na estrutura federal do futebol brasileiro, em que estados de tamanhos, populações e níveis de desenvolvimento bastante diferentes tinham o mesmo direito de voto” (tradução livre do autor a partir de GOLDBLATT, 2007, p. 552). Conhecia internamente um tipo de malícia que replicou globalmente, articulando-se com as lideranças das novas nações surgidas ao redor do mundo em oposição aos tradicionais dirigentes europeus.

Recorde-se que ao final da Segunda Guerra Mundial a FIFA tinha 54 países membros (dos quais mais da metade eram europeus) e que em 1974 eram já 120 membros votantes, com muitas adesões provenientes da África, da Ásia e do Caribe. Havelange teve grande habilidade para tirar vantagem desse fato, estabelecendo alianças estratégicas e vencendo o pleito, tornando-se o primeiro presidente da FIFA não nascido na Europa. Sua ascensão foi um importante marco no processo de mundialização do futebol. Em sua duradoura gestão (1974-1998), Havelange promoveu

a vasta transformação na geografia global do futebol no meio século após a Segunda Guerra Mundial [...] transformando a Copa do Mundo em, sem dúvida, o principal espetáculo esportivo global, a partir de sua aliança com a indústria televisiva global e os patrocinadores corporativos multinacionais (tradução livre do autor a partir de GOLDBLATT, 2007, p. 546).

Gonçalves (2016, p. 302), de modo crítico, atribui à gestão do brasileiro a frente da FIFA sua transformação em “entidade máxima do marketing e dos lucros no esporte”. Segundo Jennings (2011, p. 28), “o futebol ainda não sabia, mas estava prestes a se transformar em commodity” (JENNINGS, 2011, p. 28).

Menos metafórico, Galeano (2014, p. 178) entende que Havelange “mudou a geografia do futebol e transformou-o num dos mais esplêndidos negócios multinacionais”.

Em seu mandato de 24 anos Havelange dobrou a envergadura da competição. De modo escalonado duplicou a quantidade de países participantes nas disputas, inserindo novos países e continentes na peleja, de certo modo democratizando o acesso dos países à Copa do Mundo. Em 1978, a primeira Copa da qual o brasileiro esteve à frente, foi disputada por 16 países (10 europeus, 4 americanos, além de Irã e Tunísia). Em 1982 já foram 24 países em campo (14 europeus, 6 latino-americanos e 2 africanos, além do Kuwait e da Nova Zelândia): foi a primeira vez que todos os continentes tiveram ao menos um país na Copa. Em 1998, último em que Havelange dirigiu a FIFA, ocorreu nova ampliação: pela primeira vez 32 países participaram competindo entre si (15 europeus, 8 americanos, 5 africanos e 4 asiáticos). Quanto aos direitos de transmissão, estes foram exclusivamente adquiridos pela *France Télévision*, emissora estatal que os comprou da FIFA por 1,911 bilhão de dólares (SOUZA, 2018).

Durante esse período expansivo da competição, ocorrido entre 1974 e 1998, o Brasil enviou uma equipe que encantou os torcedores, mas não conquistou o título (Copa de 1982) e outra que não apresentou um futebol tão bonito, mas foi mais eficiente (Copa de 1994). Até a Copa de 1978 a seleção brasileira era composta exclusivamente por jogadores que atuavam dentro do país, ao passo que as de 1982 (**Figura 12**) e 1986 (**Figura 13**) já contavam com alguns poucos jogadores que atuavam no estrangeiro. Em 1982, o time que encantou o mundo foi também o que marcou o início definitivo da internacionalização da seleção brasileira; desde então todas equipes selecionadas para disputar os mundiais tinham jogadores atuantes no estrangeiro em seus elencos. Um desses jogadores era Paulo Roberto Falcão, que ao trocar o Internacional de Porto Alegre pela Roma em 1980 deixou de ter o salário mais alto do futebol brasileiro (perto de sessenta mil dólares por ano) para receber um valor substancialmente mais alto e ser o dono do maior salário do futebol mundial (COELHO, 2009, p. 18). Mas tanto em 1982 quanto em 1986 a presença de “estrangeiros” (jogadores que atuavam fora) na seleção brasileira era ainda uma condição excepcional: dois atletas em cada edição (três atuantes na Itália e um na Espanha). Até então havia tido um único caso isolado, o de Patesko, que em 1934 atuava pelo Nacional do Uruguai basicamente porque naquele momento o futebol uruguaio já havia se profissionalizado, enquanto o brasileiro ainda se encontrava em situação indefinida.

A Copa do Mundo de 1982 teve sua transmissão para o Brasil feita com exclusividade (monopólio) pela TV Globo e a derrota da seleção brasileira lhe trouxe a fama de ser “pé-fria” (SOUZA, 2018). Já a sua concorrente, TV (e Rádio) Record, investiu numa campanha relativamente bem sucedida de convencimento dos telespectadores, para que assistissem as partidas com seus aparelhos televisivos no mudo, para poderem desfrutar paralelamente da emocionante narração transmitida por rádio pela emissora.

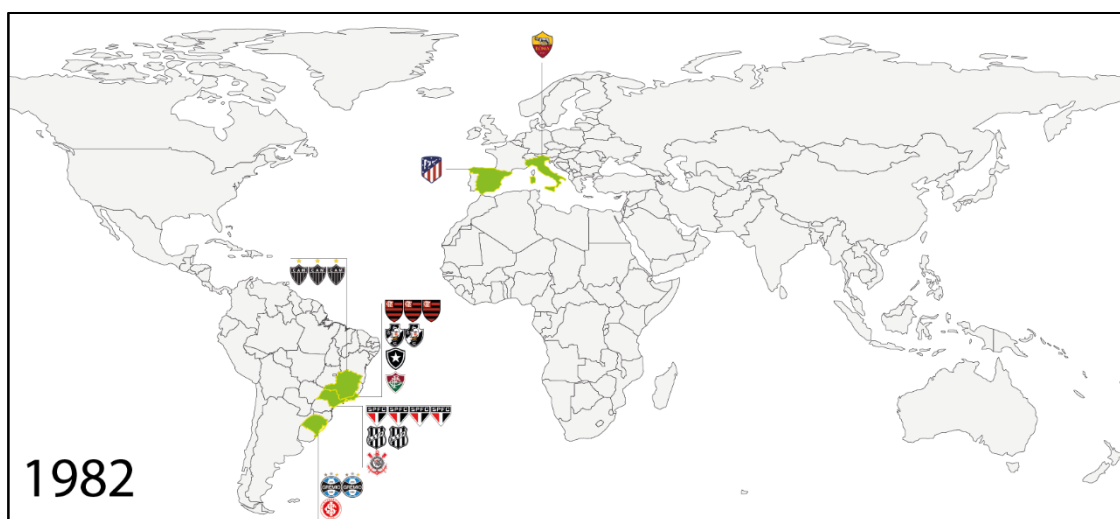


Figura 12: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1982.

A Copa do Mundo de 1986, ocorrida novamente no México, foi transmitida por diversos canais no Brasil. Durante a primeira fase havia a exibição diária de dois jogos ao vivo (às 15hs e às 19hs de Brasília) e um terceiro jogo exibido em VT (vídeo-tape) às 17hs. As partidas ocorriam nos horários mais propícios para serem convenientemente assistidas no continente europeu. A TV Bandeirantes destacou-se como “o canal do esporte”, tendo à frente Luciano do Valle como narrador principal e Juarez Soares, Pelé e Rivellino como comentaristas. Já a TV Manchete foi criativa e inovadora, disponibilizando uma linha telefônica para que os espectadores pudessem interagir enviando perguntas e manifestando opiniões ao “João sem medo”

(Saldanha). Pela TV Globo a inovação ficou por conta do “tira-teima”, uma máquina importada da Itália que transformava vídeos em imagens, e nos casos duvidosos confirmava ou refutava jogadas de eventuais impedimentos (SOUZA, 2018).

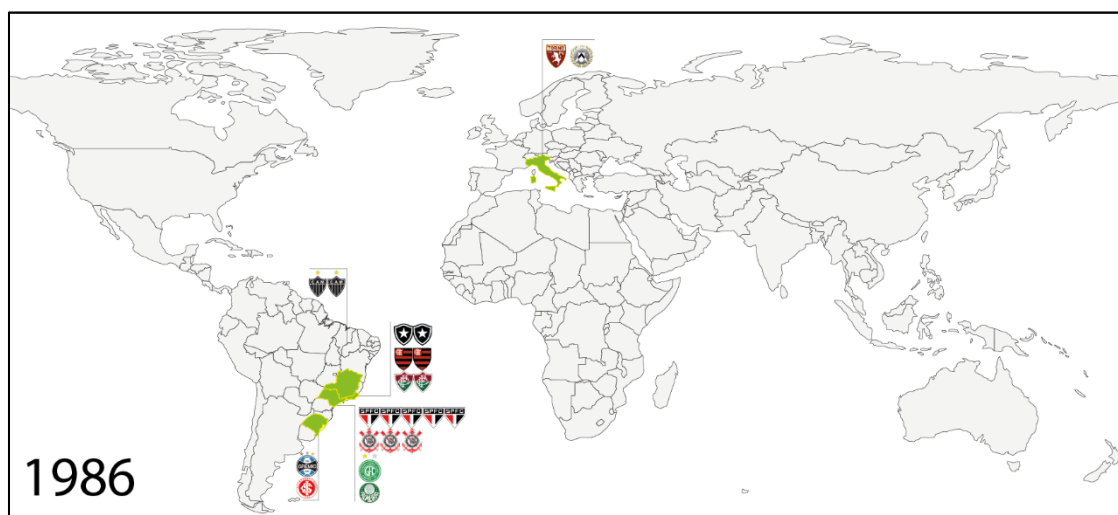


Figura 13: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1986.

Desde então a “mundialização” da seleção brasileira tornou-se preceito crescente, e as alterações ocorridas nas regras dos campeonatos nacionais de cada país europeu, assim como a resolução trabalhista chamada “Caso Bosman” tiveram impacto direto sobre isso (GOLDBLATT, 2007, p. 730; KOLLER; BRÄNDLE, p. 101; GURGEL, p. 59). A seleção brasileira de 1990 se notabilizou por ter sido a primeira da história a contar com mais jogadores atuando no exterior do que no próprio país. Dos 22 atletas relacionados, 12 jogavam na Europa Ocidental (5 em Portugal, 4 na Itália, 1 na Holanda, 1 na França e outro na Alemanha). Dos 10 que atuavam no Brasil, 8 eram do Rio de Janeiro (**Figura 14**).

Já a seleção do tetracampeonato, que disputou a Copa do Mundo de 1994, era equitativa em termos de convocados: 11 jogando por times brasileiros e 11 por times estrangeiros. Pela primeira vez foi convocado um atleta atuante num clube asiático (Japão). Por equipes o São Paulo foi que mais enviou atletas: 4 jogadores (**Figura 15**). A presença de jogadores brasileiros atuando no exterior tornou-se predominante na composição dos quadros selecionados para representar o país nos últimos torneios mundiais. A seleção vice-campeão de 1998 tinha 8 jogadores atuando em times nacionais e 14 em times internacionais, a maior parte dos quais em clubes da Itália (**Figura 16**).

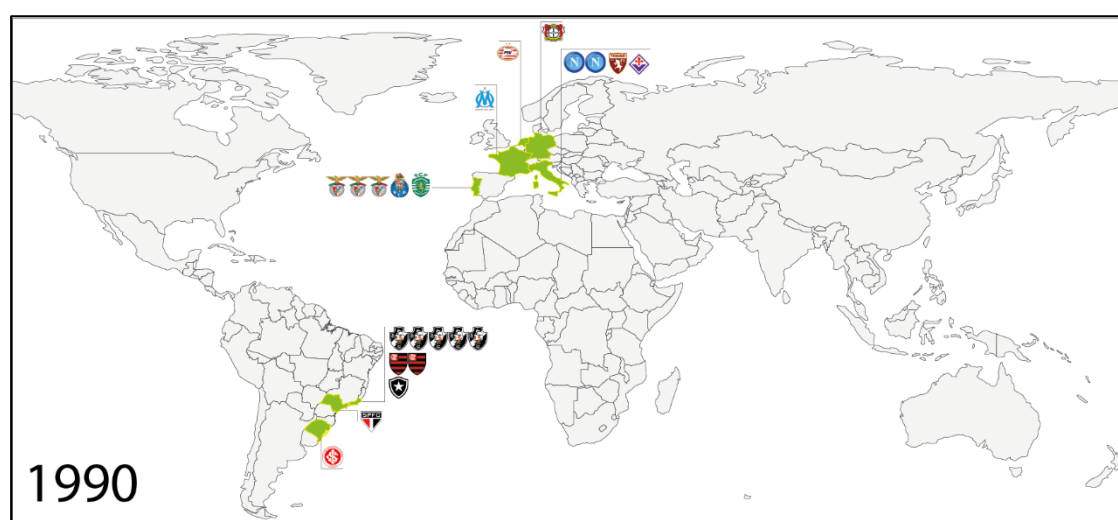


Figura 14: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1990.

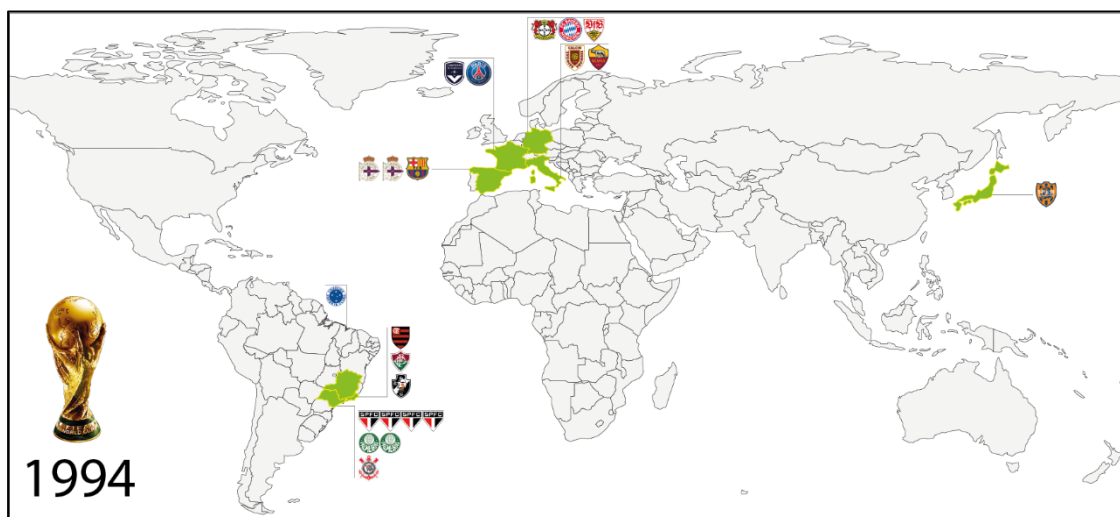


Figura 15: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1994.

Durante as Copas de 1994 e 1998 tiveram destaque as transmissões ocorridas não apenas pela TV aberta, como também as vinculadas à TV a cabo e o sistema *pay-per-view*, criando uma nova classe de consumidores exclusivos dos direitos de imagens dos jogos.

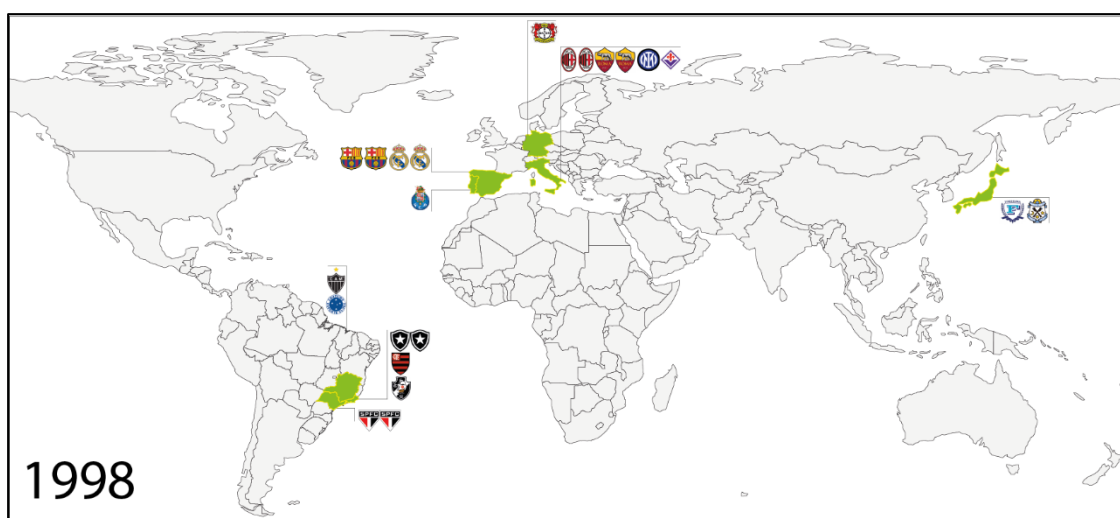


Figura 16: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1998.

A última Copa do século XX consolidou o atual modelo como a disputa do mundial se dá, incluindo mais países e continentes na competição, tornando-a mais globalizada. Entre 1998 e 2022 a competição envolveu a participação de 32 países, divididos em 8 grupos de 4 seleções cada. Para a Copa de 2026 está prevista nova ampliação, com a participação de 48 países na disputa que será sediada, concomitantemente, por três países (EUA, México e Canadá).

3.5. Rumo à internacionalização absoluta da seleção brasileira? (2002-2022)

A cada nova edição que ocorre a Copa do Mundo se reafirma como uma grande festividade de caráter mundial, promotora de intensa interconectividade e sincronicidade entre seres, coisas, lugares – parafraseando aqui Décio de Almeida Prado. Com o avanço tecnológico no campo das comunicações, cada vez mais telespectadores, em todos os continentes, têm acesso aos jogos de suas próprias seleções nacionais, ou daquelas outras de sua preferência. Aficionados de todo o planeta se interligam, mesmo que remotamente, conectados por emocionantes disputas futebolísticas.

Ainda que por ventura acompanhados de irregularidades graves, tais como compras de votos, escândalos de corrupção, morte de trabalhadores envolvidos na construção de estádios, desvio de dinheiro público, silenciamentos ante atos discriminatórios e homofóbicos, os torneios mundiais seduzem, apaixonam e envolvem centenas de milhões de torcedores espalhados pelo mundo inteiro, que em geral fazem “vista grossa” ou minimizam tais problemas ante o espetáculo alienante que é a Copa do Mundo. É nessa

perspectiva que vivenciamos atualmente um quinto subperíodo entre as sucessivas fases de modernizações pelas quais o futebol mundial e o brasileiro passaram, conforme sugere-se neste artigo.

Este primeiro quarto de século XXI se caracteriza pelo intenso fluxo e acelerada velocidade com que jogadores, mercadorias e informações se deslocam, promovendo uma dinâmica de constantes reconfigurações do futebol mundial. Num contexto de espetacularização e extrema mercantilização do esporte, o Brasil e seus futebolistas profissionais ocuparam uma posição de ainda maior protagonismo no cenário mundial. Em sintonia com os já supracitados trabalhos de Jennings (2011), Galeano (2014) e Gonçalves (2016), há uma certa concepção analítica que entende o atual momento do futebol moderno mundial como o da hegemonia absoluta da mercadoria, esta entendida em sua forma e condição mais puras. Ter-se-ia em curso o processo crescente de espetacularização total do esporte, com a completa mercantilização do futebol, visto sobretudo como um produto da indústria do entretenimento. Torcidas tornar-se-iam com isso um rele público alvo, mercado consumidor final; clubes converter-se-iam apenas em empresas ou marcas; jogadores em mercenários; estádios em arenas; seleções em grandes vitrines de luxo voltadas à valorização dos atletas.

O bom jogo de futebol profissional passa a ser visto como espetáculo, uma grande *live online* disponível instantaneamente para todo o planeta. Galeano (2014, p. 206 e 209) é preciso em sua apreciação: “hoje em dia, o estádio é um gigantesco estúdio de televisão [...] O futebol se vendeu à trelha de corpo, alma e roupa. Os jogadores são, agora, astros da televisão”. Talvez numa versão mais atualizada, agora os jogos e os jogadores estão na palma da mão de seus consumidores finais, com ampla transmissão sendo feita via internet diretamente para os *smartphones* dos telespectadores. Cada vez mais empresários fazem aportes de investimentos milionários, geram e movimentam milhões de dólares, de euros, de reais, de pesos e outras moedas mais. Compram, vendem e revendem jogadores, direitos de imagem e outros produtos mais, sempre almejando crescentes margens de lucros.

Mas esse atual “futebol moderno” não é alvo apenas de investimentos especulativos. Também o é de textos, ensaios, poesias, canções e análises acadêmicas de tipos e enfoques variados. Artigos, dossiês, resenhas, dissertações e teses, congressos e grupos de pesquisa sobre a temática futebolística tornaram-se mais recorrentes a partir do ano 2000. Giglio e Spaggiari (2010, p. 295) constataram que há mais de uma década, por ocasião da Copa de 2010, havia “quantidade considerável de artigos sobre futebol [...] nas mais diversas revistas acadêmicas brasileiras ligadas às ciências humanas”. Citemos aqui, como exemplo desse esforço analítico a realização do “Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol”, que tem ocorrido quadrienalmente nos anos em que há Copa do Mundo, promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens) da Universidade de São Paulo e entidades parceiras. Atualmente em sua quarta edição, já promoveu em encontros, conferências e debates a partir dos seguintes temas estruturantes: “Futebol, Sociedade e Cultura: Pesquisas e Perspectivas” (2010); “Expressões, Memórias, Resistências e Rivalidades” (2014); “Políticas, Diversidades e Intolerâncias” (2018) e “Às margens da memória: o futebol nacional entre o regional e o global” (2022).

Diante dessa conjuntura de crescente globalização e interconectividade esportiva e acadêmica, em 2002 a FIFA decidiu ampliar de 22 para 23 o número total de jogadores que poderiam ser convocados por cada seleção para comporem as equipes participantes da Copa do Mundo. O time do pentacampeonato brasileiro que disputou a Copa do Mundo de 2002 duplamente sediada na Coreia e no Japão foi mais “nacional” do que “internacional” – desde então, em nenhuma outra ocasião isso voltaria a acontecer. A equipe brasileira contou na ocasião com 13 jogadores vinculados a times do Brasil e 10 do exterior. Por equipes, São Paulo e Corinthians foram os que mais contribuíram, enviando 3 atletas cada um (**Figura 17**).

Já a muito badalada, porém pouco efetiva equipe que disputou a Copa de 2006, eliminada nas quartas de finais, era essencialmente composta por jogadores “de fora”, atuantes em grandes clubes da Europa Ocidental (**Figura 18**). Dos 23 relacionados, 20 atuavam no estrangeiro: 6 na Itália, 5 na Espanha (sendo 4 no Real Madrid), 4 na Alemanha, 3 na França, 1 em Portugal e 1 na Inglaterra. Das equipes nacionais novamente a preponderância (ou exclusividade) foi de São Paulo (2 atletas) e o Corinthians (1).

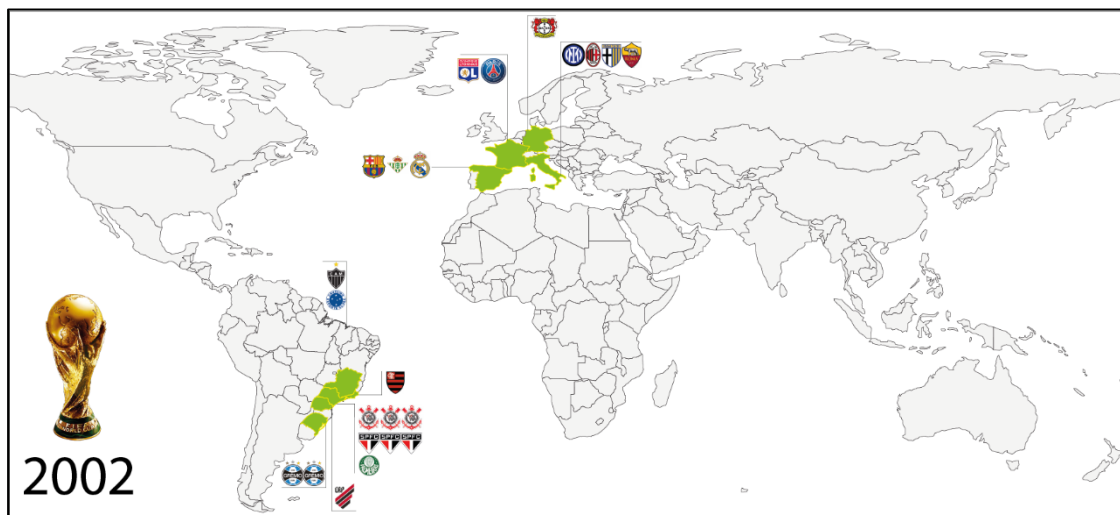


Figura 17: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2002.

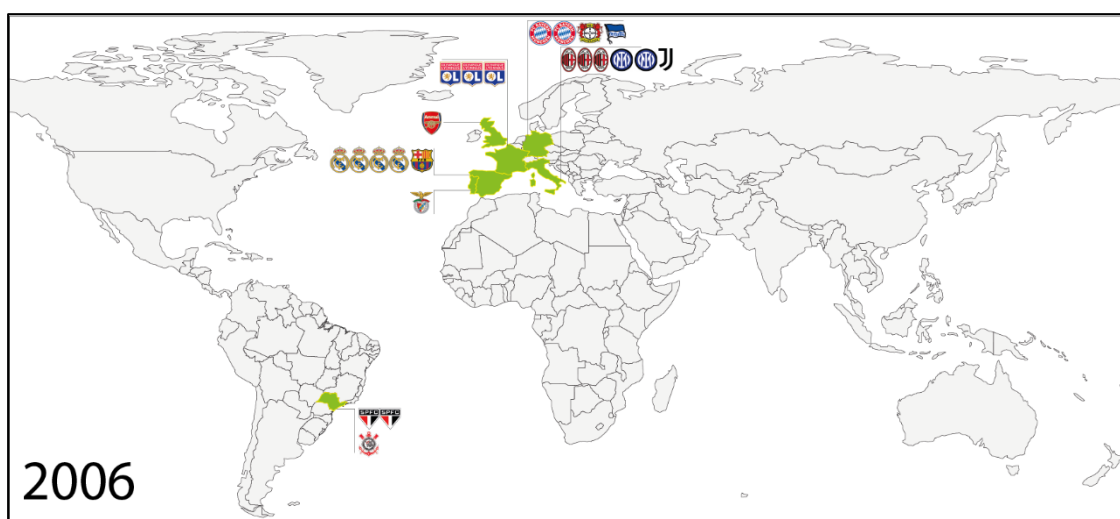


Figura 18: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2006.

No ano de 2010 repete-se a presença de apenas 3 jogadores atuantes no país (1 no estado de Minas Gerais, 1 no de São Paulo e 1 no Rio de Janeiro). Os demais 20 jogavam fora do país (**Figura 19**). A Itália, com 8 atletas enviados, forneceu a base da seleção brasileira nessa edição do mundial (Internazionale e Roma enviaram 3 atletas cada um). Entre o Ocidente e o Oriente, estiveram presentes, pela primeira vez na história, um atleta vinculado a uma equipe da Grécia e outro da Turquia, atestando para a incorporação de novas fronteiras de exportação da mão-de-obra, ou “pé-de-obra”, como coloca Franco Jr. (2007), de futebolistas brasileiros.

Em 2014 a Copa do Mundo foi novamente disputada no Brasil, após um intervalo de 64 anos. Foram convocados para compor o esquadrão brasileiro 4 jogadores ligados à times do Brasil (2 de Minas Gerais e 2 do Rio de Janeiro) e 19 de fora. A Inglaterra, com 6 atletas (4 dos quais do Chelsea), foi a principal origem do plantel que ficou marcado pela famigerada derrota por 7x1 contra a Alemanha no estádio do Mineirão. Neste ano houve, pela primeira vez, a convocação de um jogador atuante na América do Norte (Canadá) e de jogadores em exercício em territórios da extinta União Soviética (1 na Rússia e 1 na Ucrânia), indicando para uma nova ampliação geográfica do mercado internacional consumidor de estrelas do futebol brasileiro (**Figura 20**).

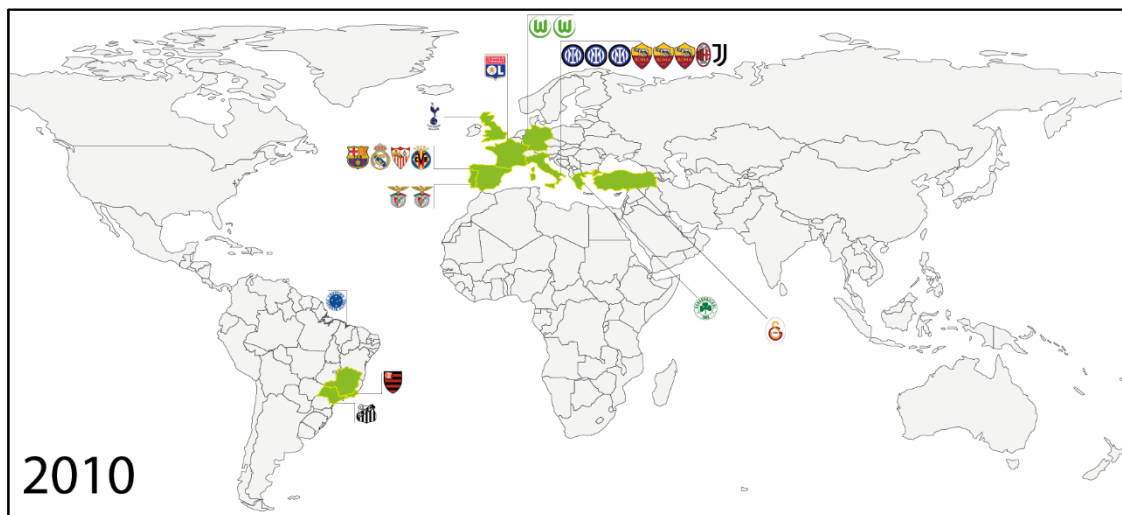


Figura 19: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2010.

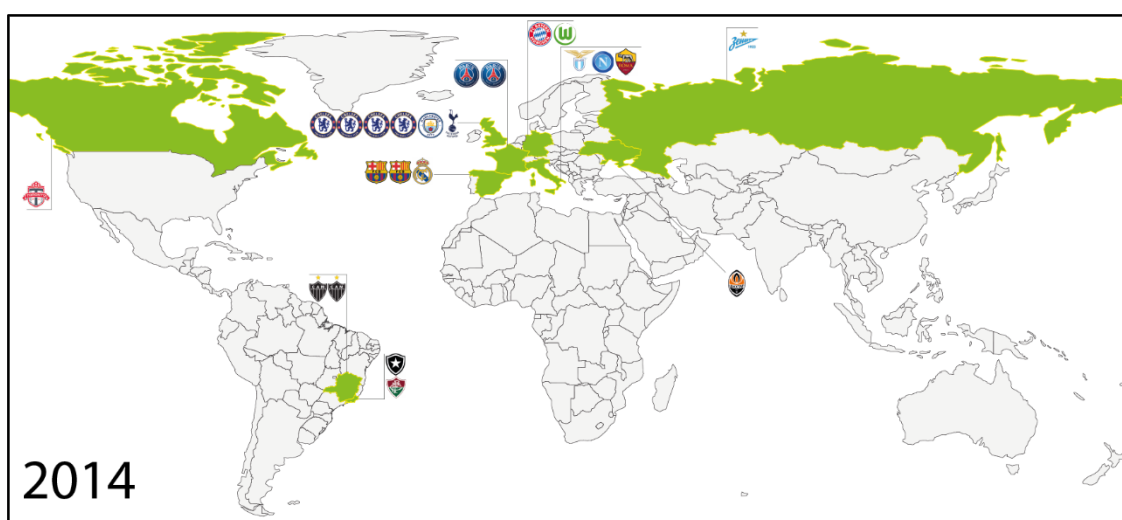


Figura 20: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2014.

Na edição da Copa do Mundo de 2018 novamente foram os times da Inglaterra que mais enviaram jogadores para compor a seleção brasileira: 6 atletas (sendo 4 do Manchester City). Foi a primeira vez que um jogador de uma equipe da China foi convocado. Ligados à times brasileiros, apenas 3 foram chamados: 2 do Corinthians e 1 do Grêmio (**Figura 21**).

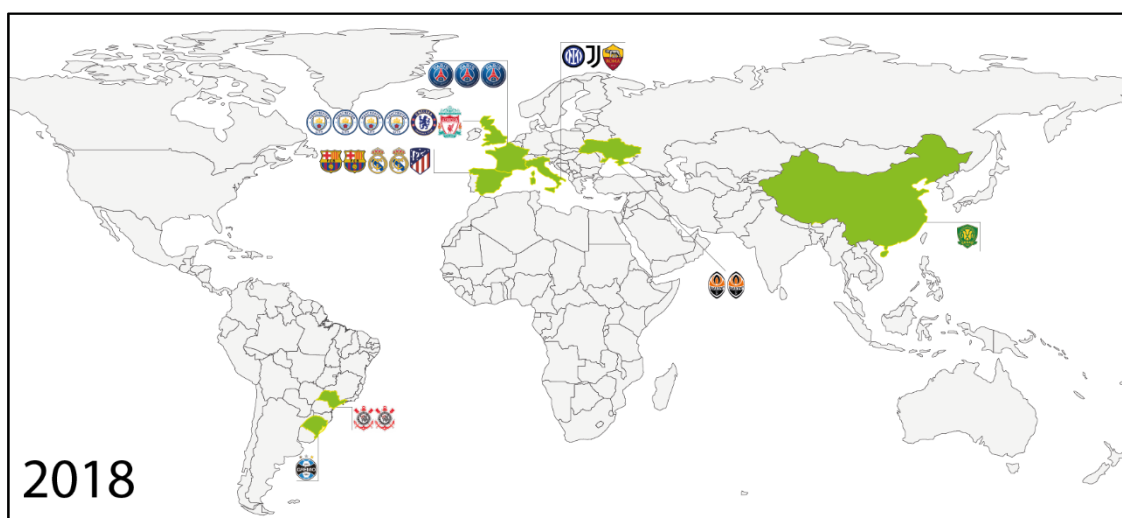


Figura 21: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2018.

Para a Copa do Mundo de 2022 a FIFA permitiu que as confederações nacionais inscrevessem até 26 atletas, ampliando o número de jogadores na competição e também o número de substituições de atletas em cada partida. Foram anunciados pela CBF 23 futebolistas que jogam fora do país (12 dos quais na Inglaterra, atestando para a supremacia inglesa) e 3 que jogam no Brasil (2 no Flamengo e 1 no Palmeiras). Esta configuração anuncia uma possível nova tendência relativa à formação das listas de jogadores convocados para compor a seleção brasileira, que é a da extrema especialização na origem desses atletas. Se em 2010, 2014 e 2018 houve um espraiamento da origem geográfica dos convocados, em 2022 houve uma concentração, e o fato de 46% dos convocados atuarem em clubes ingleses é forte um indício desse processo (Figura 22).

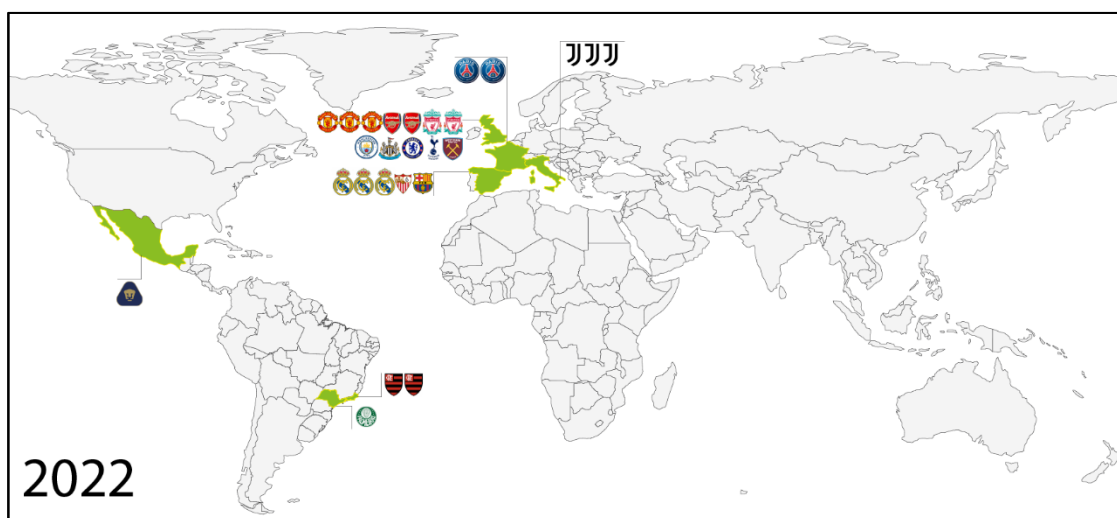


Figura 22: Composição da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2022.

4. Considerações finais

Após apresentar alguns aspectos fulcrais do contínuo processo de modernização, internacionalização e ampliação geográfica do futebol profissional enquanto fenômeno crescentemente mundializado, pode-se notar o quanto este esporte se popularizou, disseminou e acabou por suscitar bilionárias cadeias de criação de valor ao longo do período abordado.

A Copa do Mundo, que em 2022 tem sua 21ª edição sediada no Catar, está prestes a se tornar um evento centenário, e segue ampliando o seu raio de alcance e a sua condição de megaevento. Converteu-se em elemento definitivamente característico da globalização enquanto “ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”, abarcando “a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada” (SANTOS, 2001, p. 23).

No que se refere à seleção brasileira, esta por muito tempo amparou-se apenas em atletas atuantes em clubes sediados no país, notadamente nas grandes cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Seus jogadores eram figuras populares, cujos fãs costumavam ver de perto ao frequentarem os estádios. Com o tempo, convertidos em mercadoria transnacional valiosa, passaram a emigrar precocemente para o estrangeiro, frequentemente na faixa etária dos 18 aos 20 anos de idade, para despontarem enquanto grandes estrelas, verdadeiros astros globais, já no estrangeiro. Como consequência, houve um enfraquecimento da qualidade do futebol jogado dentro do país, com a fuga dos craques e ídolos para fora do Brasil.

Referências

ALMEIDA PRADO, D. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

COELHO, P. V. *Bola fora: a história do êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009.

FRANCO JR., H. *A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2014.

GAMA, G. C. P. **Todos os convocados do Brasil nas Copas**. Disponível em: <https://imortaisdofutebol.com/todos-os-convocados-do-brasil-nas-copas/>, acesso 10 dez. 2022.

GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História, São Paulo**, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

GOLDBLATT, D. **The ball is round: a global history of football**. Londres: Penguin, 2007.

GONÇALVES, G. R. **A produção espetacular do espaço: as cidades como cenário da Copa do Mundo de 2014**. São Paulo: tese (doutorado em Geografia Humana), FFLCH-USP, 2016.

GURGEL, A. O futebol como agente da globalização. **Revista de Economia e Relações Internacionais**. São Paulo: Faculdade de Economia da Fundação Armando Alvares Penteado, volume 6, número 12, janeiro 2008, p. 48-64.

GUTERMAN, M.. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

JENNINGS, A. **Jogo sujo: o mundo secreto da FIFA - compra de votos e escândalo de ingressos**. São Paulo: Panda Books, 2011.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desastros. In: **Revista USP**, n. 22, 1994, Dossiê Futebol, p. 30-37.

SILVEIRA, E. **Almanaque completo da Copa do Mundo: a história de todos os campeões mundiais**. São Paulo: Discovery, 2014

SOUZA, F. S. **Trivela: As Copas na TV Brasileira**. Disponível em: <https://trivela.com.br/tag/as-copas-na-tv-brasileira/>, acesso 10 dez. 2022.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio – o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual (CC BY-NC-SA)*.